

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências Biológicas

Um navegar entre baleias, turistas e experiências educativas.

Acadêmica: Fernanda Soares Bueloni
Orientador: Leandro Belinaso Guimarães
Co-orientadora: Mônica Danielski

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito
parcial para a obtenção do Título
de Bacharel em Ciências
Biológicas.

Florianópolis, 4 de setembro de 2009.

À Vanda, minha avó, madrinha,
inspiração e exemplo de mulher-bióloga-
educadora...

Foi desde sempre o mar
(...)

O alento heróico do mar tem seu pólo secreto,
que os homens sentem, seduzidos e medrosos.

O mar é só mar, desprovido de apegos,
matando-se e recuperando-se,
correndo como um touro azul por sua própria sombra,
e arremetendo com bravura contra ninguém,
e sendo depois a pura sombra de si mesmo,
por si mesmo vencido. É o seu grande exercício.

Não precisa do destino fixo da terra,
ele que, ao mesmo tempo,
é o dançarino e a sua dança.

Tem um reino de metamorfose, para experiência:
seu corpo é o seu próprio jogo,
e sua eternidade lúdica
não apenas gratuita: mas perfeita.
(...)

E recordo minha herança de cordas e âncoras,
e encontro tudo sobre-humano.
E este mar visível levanta para mim
uma face espantosa.

E retrai-se, ao dizer-me o que preciso.
E é logo uma pequena concha fervilhante,
nódoa líquida e instável,
célula azul sumindo-se.

(Cecília Meireles)

Agradecimentos

Agradeço, antes de tudo, aos meus pais, Eluiz e Cathia, por todo o amor e a dedicação ao longo de todos esses anos. Sei que nessa estrada, muitos sacrifícios tiveram que ser feitos, e eu bem sei cada uma das dificuldades que vivemos. Pelo amor incondicional, pelo porto seguro, pelo aperto financeiro, pelos investimentos... e principalmente, por me deixar voar sozinha! A vocês é meu imenso e eterno amor e a gratidão imensa que sinto todos os dias!

A Giovanna (banana), por ter sido a melhor irmã que Deus podia ter me dado. Rezei todos os dias por você, pequena! Obrigada por todos os favorzinhos, pelas ajudas com as palavras, pelos conselhos nos últimos dias. Mas, obrigada, mesmo, principalmente por aquelas lágrimas tão sinceras em julho de 2005 e por ter continuado a me amar, mesmo depois de eu ter “te abandonado”. Você é meu tesouro!

Aos meus avós, Vanda e Antônio (*in memoriam*), por terem acreditado no meu sonho e por terem me ensinado tanto! Vocês são meus exemplos!

A minha tia Cynthia, pelos inúmeros presentinhos e carinhos! Sem você teria sido muito mais difícil!

Agradeço também aos importantes amigos que dividiram comigo pedaços da minha história...

A Dé, a menina que pescava estrelas, por ser minha flor, minha guia, minha fada madrinha!

A Polly, pelas inúmeras vezes que me reconfortei com a sua presença!

A Sarinha e a Daia, por serem as melhores amigas-irmãs que um apartamento pode abrigar! Obrigada pelas noites de risos, de choro, de filmes, de pijama... e por fazerem meus dias sempre muito mais coloridos!

Ao Gui, que mesmo distante, sabe que habitamos a mesma bolha! ;)

Ao Thiago, pelas muitas risadas, reuniões, cachorros-quente, cervejinhas e pelo companheirismo.

Ao Celo e a Ana, pelos momentos de cumplicidade enorme ao longo desses 4 anos...

A BrabuRêta, que me ensina, há mais de 45 anos sobre acreditar... (copiei porque a recíproca é mais do que verdadeira!)

Ao Antônio Celso, meu amigo-namorado-orientador, pelas inúmeras vezes em que respirou bem fundo enquanto eu surtava, pelas leituras atentas nem sempre ouvidas, pelos livros emprestados, pelos conselhos sociológicos e, principalmente, por todos os minutos em que me faz sentir tão amada. Obrigada por tudo isso que vivemos! ^^

Aos colegas do Programa de Educação Tutorial (PET- Biologia) que me ajudaram a construir minha visão de qual bióloga quero ser. Obrigada pelas intermináveis reuniões, pelas muitas horas de almoço no trabalho, que sempre renderam muitas risadas, amizades mais do que essenciais, colos, festas de fim de ano e um carinho gigante por todos vocês. Velha guarda – Félix, Juju, Du, Gabi, Ricardo, Mari, Elise, Elis... E a guarda Nem-tão-velha- assim – Laise, Renatinha, Bia, Mick, Felipe...

Agradeço a alguns professores da graduação, sem os quais não seria metade do que sou hoje. A Tânia, por ser a melhor tutora que qualquer grupo PET já conheceu, por ter me dado uma chance e por ter conquistado o título honorário e vitalício de “minha mestra”! Muito obrigada por tudo! Ao Benê, por ser o melhor marido de tutora que qualquer grupo PET já conheceu!

A Verinha, por todos os conselhos e por ter sido tão importante na minha primeira fase, foi você minha inspiração! A Eneida e Patrícia, pelas melhores disciplinas de licenciatura, ainda que meus sonhos tenham se desmoronado...

A Natália, pela constante mansuetude e disposição em ajudar. Ao Carlos, Paulinho, Paulo Hoffman, por todo o conhecimento dividido. Ao Ademir, por me fazer gostar de botânica e ter ótimas recordações!

Agradeço, ainda, ao meu orientador, Leandro, pelas noites de leitura, pelas discussões e pela disposição em acreditar nas minhas idéias.

Agradeço, muito e de coração, a minha amiga e co-orientadora Mônica, por ter sido tudo isso nesse trabalho e na minha vida! Obrigada por aquele portfólio que mandasse lá na primeira fase, sobre o IBF e que ainda hoje me traz borboletas no estômago! Mas obrigada muito mais pelo carinho, pela dedicação e pela paciência com essa caloura aqui, que hoje, nutre por você um imenso respeito e uma profunda admiração! Te gosto muito!

Aos colegas (e amigas) do TECENDO, pelo companheirismo: Aline, pelas leituras, conselhos, conversas, cafés; Manu, pelas angústias, aflições, raivas (formaturísticas, ou não); Fran pelos almoços e conversas tão reconfortantes; Juju por todo apoio moral; Janice, Sara, Julia, Ana e André, pelas discussões preciosas às terças-feiras.

Ao Instituto Baleia Franca, pelo apoio ao meu trabalho, por permitir que eu realizasse os passeios como fonte de pesquisa, e a todos que lá estiveram - Mônica Pontalti, Nuben, Sr. Enrique, Carol, Denis, Zé. Muito obrigada!

A todos aqueles que aqui não foram citados, por terem feito parte da minha vida e terem construído comigo cada pequena molécula que me faz ser hoje quem eu sou!

As baleias-francas, pequenas gigantes, que me movem!

E, por fim, a Deus, pela Sua presença em cada segundo dos meus dias.

Sumário

Apresentação	8
Parte I – O Início	10
A Baleia	11
O Turismo	19
O Trabalho	22
Parte II – A edificação	24
Um trabalho em construção	25
Parte III – O Espelho	30
O Medo	31
A Informação	36
O Espetáculo	40
O Encantamento	44
Parte IV – O Topo do mastro	50
Referências	54

Lista de figuras

Figura 1 – As cal osidades (Arquivo Instituto Baleia Franca).....	12
Figura 2 – Borrifo em V (Guil herme Quadra).....	13
Figura 3 - Sal to mostrando a nadadeira peitoral (Arquivo Instituto Baleia Franca)	14
Figura 4 – A embarcação de turismo (Fernanda Soares Buel oni)	22
Figura 5 – O Banner (Fernanda Soares Buel oni)	35
Figura 6 – Mãe com seu fil hote, mostrando o ol ho . (Guil herme Quadra).....	47
Figura 7 – Nadadeira caudal (Arquivo Instituto Baleia Franca).....	52

Apresentação

A você que está iniciando a leitura desse trabalho, desejo fazer algumas considerações. Nas próximas páginas, inicia-se um diário de viagem, muito antes de um Trabalho de Conclusão de Curso.

Relato nessas páginas, minha experiência com o turismo de observação de baleias-franca, motivada pelos questionamentos sobre essa atividade, como se conduzia, que tipo de reação causaria, que tipo de visão estaria gerando. E assim, iniciei um navegar por entre baleias, turistas e experiências educativas.

Optei por dividi-lo em partes, pois assim são as viagens. Ora, ninguém viaja em capítulos! E começo pelo início, minhas motivações e o que exatamente estava buscando. Em seguida, pretendo mostrar a construção dessa história, com todos os dilemas, perturbações e as soluções encontradas pelo caminho.

Por fim, trago minhas análises e minhas interpretações acerca dos momentos incríveis que vivenciei ao longo desses meses, divididas em duas partes: as argumentações e as considerações finais.

Espero que para você, essa viagem seja tão prazerosa quanto foi para mim, e que por fim cada minuto de leitura tenha valido a pena.

Boa viagem!

Parte I

O Início...

A Baleia

A baleia-franca austral, *Eubalaena australis* (Desmoulins, 1822), é um mamífero pertencente à família Balaenidae (Subordem Mysticeti, Ordem Cetacea). A espécie é caracterizada por possuir em média de 13,5m a 16m, com as fêmeas sendo maiores do que os machos; possui entre 40 e 60 toneladas e distribui-se circumpolarmente entre 20°, entretanto, existem registros de sua aparição a 18°, e 55° de latitude Sul, passando o inverno austral nas áreas costeiras da América do Sul, Sul da África e Oceania, e o verão austral nas águas da Antártida (IWC, 2008).

Os indivíduos desta espécie possuem o corpo preto, com manchas brancas no ventre; são caracterizadas também pela presença de calosidades (ou “verrugas”) na região da cabeça, ao redor do orifício respiratório e da boca. As “verrugas” são colonizadas por ciamídeos, *Cyamus* sp., crustáceos anfípodos¹ que se alimentam da pele de seu hospedeiro (ALVES *et al*, 2002) e as colonizam nos filhotes pouco após o nascimento, provenientes da pele da própria mãe e acompanham a baleia franca por toda sua vida (PALAZZO & FLORES, 1999). Estes conferem coloração branca ou amarelada a essas calosidades (PAYNE *et al.*, 1983).

¹ Ordem do Filo Crustaceae.



Além disso, os orifícios respiratórios são bastante separados, o que lhe proporciona borrifo em forma de V (O ar quente, proveniente dos pulmões do animal, quando em contato com o ar frio de fora durante a expiração, sofre uma condensação e é expelido em forma de um borrifo. Além disso, algumas vezes, a água depositada sobre o orifício respiratório sobe junto com o ar quente, sofrendo uma vaporização), caracterizando a espécie e ajudando a identificá-la, quando observada no mar (WILSON & WILSON, 2006).



A espécie também possui nadadeiras peitorais curtas e largas em forma de trapézio e ausência de nadadeira dorsal (EVANS, 1987).



A espécie, durante o inverno austral, dirige-se às águas quentes das áreas costeiras da América do Sul, Sul da África e Oceania, onde permanece durante a temporada sem se alimentar. As baleias-franca alimentam-se “filtrando” o alimento na superfície, num comportamento que se assemelha ao arrasto superficial de uma rede, em que o animal nada lentamente com a boca aberta, deixando a água fluir por entre as cerdas expostas que capturam aí os pequenos organismos que constituem seu alimento; a espécie é seletiva, buscando principalmente pequenos copépodos² (*Calanus*, *Microcalanus*, *Pseudocalanus*, *Oithona* e *Metridia*), além do krill³ *Euphasia superba* e *Munida gregaria*. A alimentação das baleia-franca ocorre basicamente durante o verão, nas águas

² Copépodos são um grupo de crustáceos.

³ Krill é o nome coletivo dado a um conjunto de pequenas espécies de animais invertebrados semelhantes ao camarão.

próximas da Convergência Antártica (PALAZZO & FLORES, 1999). Neste período em que se encontra em águas mais quentes como a costa brasileira, se identificam as atividades de acasalamento, nascimento e amamentação desta espécie, caracterizando estas localidades como áreas de reprodução e/ou berçários (SIMÕES-LOPES *et al.*, 1992). A espécie possui o período de gestação de aproximadamente um ano - 11 a 12 meses, e as fêmeas têm, em média, um filhote a cada três anos (GROCH, 2000).

As baleias-franca recebem em inglês o nome de “Right Whale”, ou seja, a “baleia certa” para ser caçada, quando sua prática ainda era permitida, por sua docilidade e vulnerabilidade. A baleia-franca do sul juntamente com a baleia-franca boreal, *Eubalaena glacialis* (Borowski, 1781), foram as espécies mais predadas pela caça baleeira (GROCH, 2000). Aliada a esse fator, a grande camada de gordura corporal dessas espécies permitia uma grande flutuabilidade depois de morta, facilitando ainda mais o processo da caça. (PALAZZO & FLORES, 1999)

No Brasil, a espécie, que se distribuía de Santa Catarina até pelo menos a Baía de Todos os Santos, no litoral do estado da Bahia (CÂMARA & PALAZZO, 1986), passou a sofrer com a matança maciça a partir do século XVII. Em meados desse século, estações baleeiras (“Armações”) começaram a ser instaladas em vários pontos do litoral de Santa Catarina.

Não se sabe ao certo quantos indivíduos foram mortos no litoral sul durante o período de caça (a primeira estação baleeira estabeleceu-se no litoral de Santa Catarina no século XVIII), mas estima-se que centenas possam ter sido dizimadas (PALAZZO & FLORES, 1999). O último registro de caça da baleia franca no litoral do Brasil data de 1973 na cidade de Imbituba, SC. Após esta data, a população parecia ter sido eliminada na região e relatos sobre a presença destes animais eram considerados casos isolados não confirmados pela comunidade científica. Somente a partir da década de 80 do século XX foram reavistados no litoral sul do país os primeiros indivíduos após o término das atividades de caça. (GROCH, 2000).

No início da década de 1980 iniciaram-se esforços para conservação da espécie; hoje a baleia franca austral encontra-se em recuperação e já se aponta um relativo aumento populacional (GROCH *et al*, 2005). As baleias francas encontram-se protegidas no Brasil desde 1987, pela Lei Federal 7643, que proibiu definitivamente a caça comercial no país. Em 1989, a baleia franca passou a constar da Lista Oficial Brasileira das Espécies de Fauna Ameaçadas de Extinção, reforçando sua proteção integral nos termos da legislação de proteção à fauna vigente no País. No entanto, afastada a ameaça de volta da caça, subsistem diversas incógnitas sobre a efetiva capacidade de recuperação da espécie a níveis populacionais estáveis ou, ao menos, que permitam considerá-la fora de perigo segundo os critérios internacionalmente aceitos. Principalmente em função de seus hábitos muito costeiros na época de reprodução, as fêmeas com filhotes podem ser avistadas em alguns locais logo após a arrebentação das ondas nas praias (PAYNE, 1986). tornando-se, portanto, extremamente vulneráveis (GROCH, 2007).

Nesse contexto, houve a criação de uma Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca (APA da Baleia Franca), uma Unidade de Conservação estabelecida pelo Decreto s/nº, de 14 de setembro de 2000, criada com o objetivo principal de proteger a baleia-franca em sua principal área de reprodução e cria de filhotes no Brasil. Sua área se estende do sul da Ilha de Santa Catarina, no local denominado Ponta da Lagoinha (27º25' S, 48º30' W) à Praia do Rincão, município de Içara (28º42' S, 49º16' W), no Estado de Santa Catarina (BRASIL, 2009).

A porção central da APA da Baleia Franca compreende os municípios de Garopaba, composto por sete praias (Praia da Gamboa, Praia do Siriú, Praia de Garopaba, Praia do Silveira, Praia da Ferrugem, Praia do Ouvidor e Praia Vermelha); e Imbituba, composto por oito praias (Praia do Rosa, Praia da Vila, Praia de Itapirubá, Praia de Ibiraquera, Praia Vermelha (a nova delimitação dos municípios anexou a parte sul da mesma à Imbituba), Praia da Ribanceira, Praia do Porto, Praia da Luz). As duas cidades são as mais exploradas para o turismo de observação de baleias devido à grande concentração desses animais nessa região.

(DANIELSKI, 2008)



Segundo o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC, a Área de Proteção Ambiental (APA) é uma Unidade de Uso Sustentável, que possui área em geral extensa, com um certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para

a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas, e tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais (Art. 15 - Lei nº 9.985, de 18 de Julho de 2000 (BRASIL, 2009)).

A atividade mais diretamente relacionada com esses animais dentro da APA é o turismo de observação, que através de cruzeiros turísticos aproxima e permanece certo tempo com as baleias. A fiscalização dessa atividade também cabe à APA da Baleia Franca, que através de legislações federais visa regulamentá-la na região.

O Turismo

O turismo de observação de *cetáceos* é uma atividade que vem crescendo significativamente ao longo dos anos, em especial na América Latina, que possui um grande potencial para sua realização. As primeiras atividades desse tipo, ainda em pequena escala, surgiram na Califórnia por volta de 1950, sofrendo desde então um enorme crescimento e se tornando evidentemente capazes de proporcionar um substancial benefício socioeconômico para as comunidades em que se realiza (GARROD & FENNEL, 2004).

Atualmente, atividades de avistamento de cetáceos existem em pelo menos 492 comunidades de 87 países (HOYT, 2000; CARLSON, 2007). Na América Latina, são ao menos 20 países e 91 comunidades, onde mais de 885 mil pessoas participam destas, gerando quase Us\$ 80 milhões com os gastos diretos (valor dos ingressos aos passeios) e mais de Us\$ 278 milhões com gastos indiretos - hospedagem, alimentação, etc. (HOYT & IÑIGUEZ, 2008).

No Brasil, são mais de 228 mil visitantes, gerando algo como Us\$ 6 milhões com gastos diretos e mais de Us\$ 31 milhões com gastos indiretos, conforme dados para o ano de 2006 (HOYT & IÑIGUEZ, 2008).

As atividades turísticas com essa finalidade tiveram início no país no princípio da década de 80 do século XX no Arquipélago de Fernando de Noronha. Elas começaram em meados dos anos 1980 para as espécies de água doce no Amazonas e em meados/final dos anos 1990 para grandes baleias como a Jubarte (*Megaptera novaeangliae* Borowski, 1781) e a Franca, na Bahia e em Santa Catarina, respectivamente.

Hoje no Brasil o turismo já está estabelecido em algumas regiões, tendo reconhecimento econômico e social pelo governo brasileiro, que percebeu a necessidade de regulamentar essa atividade para que ela fosse

Os cetáceos, animais pertencentes à Ordem Cetacea, que inclui baleias e golfinhos, são mamíferos que possuem especializações para a vida totalmente aquática dentre elas a ecolocalização, que é a emissão de sons com comprimentos de onda curtos, cuja recepção lhes permite saber com exatidão à distância e o tamanho dos cardumes e objetos a o seu redor. Além disso, baleias possuem ótima audição e emitem sons de baixa frequência, permitindo que se comuniquem a grandes distâncias. (POUGH *et al*, 2008)

sustentável e que os impactos em cetáceos fossem minimizados (PALAZZO, 1999).

A Portaria IBAMA nº 117, promulgada em 1996 e posteriormente alterada pela Portaria nº 24 de 2002, visa prevenir e coibir o molestamento intencional desses animais e institui normas relativas à conduta das embarcações quando do avistamento do animal, até seu completo afastamento, normatizando a aproximação das embarcações quanto à produção de ruídos, desrespeito ao percurso do animal e tempo de permanência junto deste, além de instituir em seu Artigo 5º a obrigatoriedade da provisão de informações educacionais (BRASIL, 2009).

Em seguida, a Instrução Normativa nº 102 de 2006, assegurou seis baías (Praia da Vila, Praia d'Água, Praia do Luz (Ibiraquera), em Imbituba; Praia da Gamboa, Praia do Silveira e Praia de Garopaba, em Garopaba) de refúgio para a baleia-franca dentro da Área da APA, proibindo qualquer atividade náutica recreativa por embarcação motorizada (BRASIL, 2009).

Contamos, em nosso país com uma grande quantidade de espécies de cetáceos, dentre as quais se encontram também espécies de água doce. Para o turismo de observação, no Estado de Santa Catarina, temos três espécies potenciais: os delfinídeos *Tursiops truncatus* (Montagu, 1821) em Laguna, *Sotalia guianensis* (P. J. Van Bénédén, 1864), na Área de Proteção Ambiental (APA) de Anhatomirim em Florianópolis; e a Baleia Franca austral *Eubalaena australis* (Desmoulins, 1822), em Garopaba/Imbituba.

Essa regulamentação, dentre outros fatores, está relacionada com o fato de embarcações de turismo de observação poderem despertar diferentes respostas comportamentais: os animais podem evitar a aproximação, permanecer indiferentes à presença da embarcação, ou até mesmo interessar-se por ela (LUNDQUIST, 2007). Estudos sobre o impacto dessa atividade nos cetáceos já mostraram que eles podem alterar seus padrões de deslocamento, modificando a velocidade e as frequências respiratórias (WILLIAMS *et al.*, 2002) e até mesmo chegando a ocasionar distúrbios auditivos em algumas espécies (PEREIRA, BAZZALO & FLORES, 2007).

Art 5º - Para a operação de embarcações de turismo comercial no interior de Unidades de Conservação nas quais ocorrem regularmente a presença de cetáceos, é obrigatória a provisão, em caráter permanente, de informações interpretativas sobre tais animais e suas necessidades de conservação, aos turistas transportados até aquelas Unidades.
(Portaria IBAMA nº 117 de 26 de dezembro de 1996)

Apesar de reconhecer algumas das respostas comportamentais dos animais frente à embarcação de turismo, estudos comportamentais de longo prazo precisam ser conduzidos para que as implicações biológicas dessa atividade nas espécies possam ser melhor entendidas (LUSSEAU, 2004).

O Trabalho

Pensando nessas questões, me propus a estudar os passeios de turismo de observação e ver de que forma os turistas são informados e como vivenciam aquele momento de estar ali em um contato tão intenso com as baleias-franca dentro da APA.

Os cetáceos sempre foram paixões antigas na minha vida e ter a oportunidade de trabalhar com eles, unindo os conhecimentos das áreas de ecologia e conservação, educação e sociologia, me deixou bastante eufórica. Começava um projeto com a intenção de entender como se processava a educação ambiental nos passeios de turismo de observação de baleias-franca, no litoral sul de SC e de golfinhos ao norte da Ilha de Santa Catarina.

Entretanto, ao concluir minhas idas a campo acompanhando a temporada da baleias, percebi havia uma grande diferença entre essas duas propostas de turismo (a observação de baleias e a observação de golfinhos - enquanto a primeira era inteiramente voltada à observação dos animais, a segunda era um passeio de barco, visitando várias ilhas e no qual os animais eram apenas um atrativo a mais), com isso iniciaria um trabalho muito extenso e que fugiria dos objetivos de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que estas páginas se propõem. Resolvi, então, me focar apenas nas análises dos passeios turísticos de observação de baleias-franca, no litoral de Imbituba, município de Santa Catarina.

Comecei minhas análises com os objetivos de entender algumas questões: Como se organiza um passeio para observação de baleias? Como se dão as práticas de educação ambiental nesses passeios? Que significados eles constroem e que percepções acionam? Como se conduz essa prática - que se entende como educativa - de

turismo de observação de baleias? Esse turismo promove experiência, um desacomodar ou fica centralizado na informação? Promove um encontro ou um espetáculo, um encantamento?



Parte II

A Edificação...

Um trabalho em construção

Optei por investigar as questões que me propus observando essas práticas educativas e realizando os passeios de turismo de observação. Para as observações de campo, então, entrei em contato com o Instituto Baleia Franca (IBF), localizado em Garopaba, litoral sul de Santa Catarina, que acompanha os passeios para a observação de baleias-franca em Imbituba, também litoral sul de SC. O IBF é uma organização não governamental (ONG) sem fins lucrativos que, dentre outras atividades, mantém uma parceria com a empresa Turismo Vida Sol e Mar que realiza os passeios. A empresa reverte 5% dos seus lucros ao IBF, enquanto este disponibiliza um biólogo para acompanhar cada saída e esclarecer os turistas.

O contato inicial se deu através da Mônica Danieslki, co-orientadora deste trabalho e bióloga do IBF. No começo, ela agendava os passeios e me avisava; com o decorrer do tempo, fui tendo maior liberdade para poder agendar por mim mesma os passeios.

Eu ficava sabendo somente na noite anterior da possibilidade de realizá-los, devido às condições de clima e de navegação, e viajava até Imbituba bem cedo para estar no Porto às 8h30 da manhã, no início dos preparativos. Os turistas chegavam em pequenos grupos isolados, ou, quando hospedados na pousada Turismo Vida Sol e Mar (que pertence ao presidente do IBF e proprietário da empresa de turismo), vinham com uma van. Após a chegada deles, iniciava-se um procedimento de colocação de capas de chuva e coletes salva vidas, além de uma pequena palestra informativa (que será melhor abordada no decorrer do trabalho), ministrada por uma bióloga.

Os passeios partem da Praia do Porto de Imbituba, devido a maior proximidade da localização das baleias e têm duração aproximada de 1h30.

Eu, junto deles, realizava os passeios e buscava (na medida do possível) anotar ações importantes (falas, não falas, olhares, gestos, ou o que mais eu pudesse perceber de reações dos turistas aos estímulos do passeio), as aproximações, quantidade de baleias avistadas, comportamento dos animais (uma vez que são essenciais para que os relacione com as ações dos turistas), reações e o que mais conseguia perceber. Eu buscava aguardar a partida dos turistas para só depois ir embora. Ao chegar em casa, redigia todas as minhas observações, enquanto ainda estavam vivas na memória, para evitar perder detalhes importantes.

Após a primeira saída percebi que seria muito difícil realizar entrevistas com os turistas, uma vez que chegam em cima da hora da saída do barco e se vão logo em seguida do retorno à praia. Também não queria aplicar questionários, acredito que eles empobrecem a riqueza de detalhes que vivências dessa magnitude podem nos fornecer.

Foi então que, me baseando em estudos de educação inspirados na etnografia pós-moderna (SANTOS, 2005), encontrei nos relatos de viagem, uma maneira de me utilizar da experiência de ter estado lá para me permitir escrever aqui do que lá se passou. Passei, então, a utilizar do meu *diário de campo* como meio principal de análise, pois através dele fui *(re)construindo uma narrativa* sobre os passeios de observação.

Como pesquisadora, usei da narrativa que criei para (re)construir aqueles passeios, as falas, os borrifos, as aproximações e os sentimentos que pairavam em cada situação. Não pretendo, de forma alguma, esgotar todas as possibilidades de discussão, mesmo porque, eu também, fui um pouco turista. Quero dizer com isso, que também vivenciei muitas daquelas emoções com eles, como a dificuldade em tirar fotos daqueles momentos e a falta de ar que a aproximação e/ou o choque do animal com o barco causa em nós. Era eu uma pesquisadora fazendo turismo, ou uma turista fazendo pesquisa?

Tenta-se com eles, e com o artifício da palavra, (re)compor uma “realidade” vivida e assim trazê-la àqueles(as) que aqui ficaram. A ilusão do(a) etnógrafo(a)-viajante talvez tenha sido, algum dia, aquela de ter esgotado completamente, por meio de sua narrativa, consubstanciada por sua estada, todas as significações que uma cultura pode ter.
(SANTOS, 2005)

No meio da preparação desse trabalho tive a oportunidade de viajar para o Uruguai, para a XII Reunión de Trabajo de Especialistas en Mamíferos Acuáticos de América del Sur, 7º Congresso SOLAMAC e foi, então, que redescobri meu olhar turista. Ter estado lá me fez ver que os modos de olhar, ainda que vivenciem o mesmo momento, são diferentes.

Pude compreender que o que via, no Uruguai, não me fazia pertencer ao local em que estava e que, mesmo que acreditasse ser muito turista nos passeios que realizei a própria rotina de acompanhá-los descortinou meus modos de enxergar aquela atividade e tenho hoje um olhar muito mais crítico para os impactos dessa prática nos animais e menos ingênuo das situações que vivenciei no barco. Descobri-me um pouco menos turista e um pouco mais pesquisadora, ao mesmo tempo em que (re)descobria os modos de ver do turista.

Assim, em minhas narrativas, aparece o reflexo do que vivenciei durante toda a pesquisa – ser e não ser “tão turista”. Para isso, optei por escrevê-lo em primeira pessoa do singular. Ao usar a primeira pessoa, trago o trabalho mais para perto dos meus sentimentos e olhares, o deixo mais subjetivo e denuncio, também, a minha própria experiência. Inspirei-me então, nos estudos de educação ambiental pós-moderna e nas idéias de antropofagia cultural, já que trago como bagagem as leituras desse campo de pesquisa.

Ao finalizar a análise dos meus diários de campo, percebi que muitos dos temas eram recorrentes em mais de um fragmento, em mais de uma saída. Entretanto, ansiava por fugir de uma continuidade já tão conhecida quando se trabalha com diários de campo e já tão cansativa pela exacerbada descrição. Desejava, ao mesmo, tempo centralizar os relatos como parte integrante e essencial do trabalho – ser anexo sempre me trouxe a impressão de ser menos importante...

Optei, então, por tentar reescrever meus diários de forma menos descritiva e um pouco mais literária, mas essa escrita se mostrou muito difícil e por mais que tentasse, acabava sempre por cair no vício de um relato de campo. E enquanto estive nessa briga entre os meus anseios e o que se mostrava na minha escrita, me deparei com a palavra descontinuidade. A idéia de uma não cronologia, de uma atemporalidade casava muito bem os ideais que tinha sobre o trabalho e optei, assim como sugere Larrosa (2001), por “um pensamento de educação que se encarregue de uma experiência libertadora da historicidade humana, que permita pensar o acontecimento como liberdade”.

Proponho, então, no decorrer do texto, uma descontinuidade nos meus relatos, e os agrupo conforme os temas que me proponho a discutir. Nenhuma das partes a seguir segue uma temporalidade de fatos e idéias, de forma que se permite pensar um acontecimento como uma experiência.

Trago no trabalho, a experiência como fonte da abertura e desconchego. Ao sairmos do conforto das nossas idéias e sentimentos, nos abrimos para a experiência do mundo e para o desconchego que muitas vezes isso pode nos causar. Segundo Larrosa (2002), a experiência é o que nos passa, o que nos acontece. Muitas coisas se passam todos os dias, mas cada vez menos nos passam.

Viver uma experiência significa abrir-se para o momento que nem sempre pode suscitar coisas boas. A incomodação que pode surgir da experiência sugere uma mudança de paradigmas cotidianos e que mobilizam uma mudança de vida, um “não acomodar com o que incomoda” (ANITELLI, 2008).

Por outro lado, esse incomodar que a experiência traz consigo é que acredito ser o “plantar uma semente” que a Educação Ambiental se propõe. Entretanto, ser sujeito da experiência e permitir essa pausa no tempo, essa descontinuidade no espaço tem sido cada vez mais difícil e mais rara na sociedade em que vivemos.

Entendo por descontinuidade, por temporalidade descontínua, uma forma de temporalidade que não pode ser reconstruída (...)

(...) uma forma de temporalidade que nada tem a ver com a idéia de processo, ou com as idéias subordinadas de desenvolvimento e de progresso, com todas as idéias que pressupõem um tempo contínuo dotado de direção e de sentido, cronologicamente orientado.

(...)

Gostaria, portanto, de esboçar uma idéia de educação como figura da descontinuidade: pensar a transmissão educativa não como uma prática que garanta a conservação do passado ou a fabricação do futuro mas como um acontecimento que produz o intervalo, a diferença, a descontinuidade, a abertura do porvir.

(LARROSA, 2001)

Ser o sujeito dessa experiência significa ser o espaço dos acontecimentos, é necessário cultivar a lentidão de ação, pensamentos e julgamentos; é necessária a abertura que a descontinuidade causa, o descontrole do porvir, o “deixar ser” do mundo e a confiança no outro.

Assim sendo, o “experienciar” surge nesse trabalho como sendo o espaço que se abre para a educação, e o espaço onde a prática educativa acontece. Parto do princípio que a educação é aquilo que nos acontece e que nos passa, portanto, para que a uma prática torne-se educativa é preciso que se abra espaço para que os sujeitos tornem-se sujeitos da experiência e efetivamente criem significados interiores para os acontecimentos

Como reflexo, então, da minha experiência, esse diário de viagem que se tece, traz em si muito do meu “cultivar a lentidão de pensamento” e, portanto, muito da descontinuidade que vivi (e vivo) durante a pesquisa.

Por fim, desejo ressaltar que optei por manter as imagens no corpo do texto sem citá-las e sem legendá-las, de maneira a aproximá-las da viagem que pretendo contar, buscando não quebrar o fluxo de pensamentos e sentimentos que trago no trabalho. Além disso, as imagens aqui apresentadas são meramente ilustrativas.

“(…) requer parar para pensar,
parar para olhar, parar para
escutar, pensar mais devagar,
olhar mais devagar, e escutar
mais devagar; parar para sentir,
sentir mais devagar, demorar-se
nos detalhes, suspender a
opinião, suspender o juízo,
suspender a vontade, suspender
o automatismo da ação, cultivar
atenção e a delicadeza, abrir os
olhos e os ouvidos, falar sobre o
que nos acontece, aprender a
lentidão, escutar os outros,
cultivar a arte do encontro, calar
muito, ter paciência e dar-se
tempo e espaço”
(LARROSA, 2002)

Parte III

O Espel ho...

O Medo

Era um dia lindo, o sol brilhava alto e frondoso como se imagina um astro rei; o mar, azul intenso estava muito calmo e tranqüilo, como há muito tempo não o via. Tínhamos mais um passeio agendado, e como de costume, me dirigi ao Porto de Imbituba bastante eufórica - adorava os dias de campo.

Cheguei ao Porto e enquanto Maria preparava todos os turistas, percebi que havia uma pequena família. A mãe com suas duas filhas (uma de sete outra de cinco anos) estavam bastante excitadas com a possibilidade de ver baleias pela primeira vez. Acho sempre muito interessante a reação de crianças frente a essas novidades e aventuras, por isso dediquei bastante atenção a elas.

Intriguei-me bastante com uma conversa que ouvi entre elas e, principalmente com a frase: “Mãe, tô com *medo*.” As meninas questionavam a mãe quanto à atuação da empresa e dos pesquisadores, se não iam machucar os animais. Preocupavam-se com o bem estar das baleias, mas demonstravam muito medo de que estas fossem más e derrubassem a embarcação.

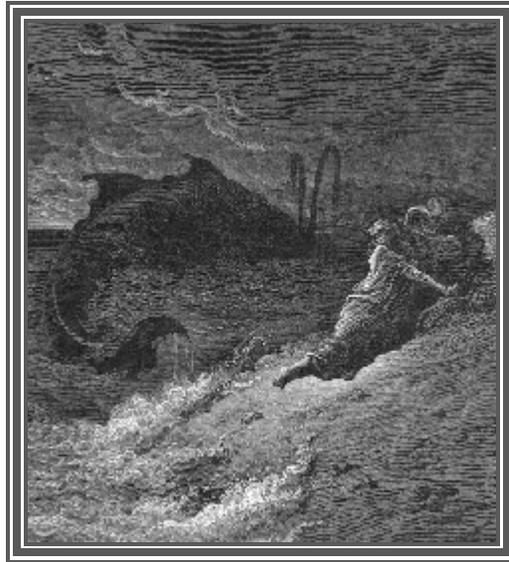
Após acalmá-las, ocupamos nossos lugares na embarcação e partimos em direção às praias de Ibiraquera e da Ribanceira. Durante o percurso, a Débora fez uma pequena intervenção, explicando um pouco sobre a biologia do animal e sobre o comportamento dos turistas no barco. Ao final da sua explanação, uma turista perguntou: “Existe algum registro da baleia ter derrubado o barco e os turistas terem morrido?”. Com um sorriso, Débora respondeu que não e essa pergunta me fez pensar muito a respeito do intenso medo que esses turistas demonstraram ao embarcar em um “passeio” turístico.

Desde criança ouvimos histórias de baleias engolindo pessoas, derrubando barcos, matando, causando

Medo é o nome que damos a nossa incerteza: nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito – do que pode e do que não pode – para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance.
(BAUMAN, 2008)

dor e sofrimento. Na famosa adaptação de Walt Disney para o livro do escritor italiano Carlo Collodi (1881, *Storia de un burattino – História de um boneco*), *Pinóquio*, o boneco de madeira animado que sonhava em se tornar um menino de verdade, é engolido por uma baleia.

A Bíblia, em seu Antigo Testamento, conta a saga de Jonas, um hebreu fugitivo das ordens de Deus que é engolido por uma baleia (chamada de peixe grande): “O Senhor fez que ali se encontrasse um grande peixe para engolir Jonas, e este esteve três dias e três noites no ventre do peixe” (Jonas 2:1-11).



(“Jonas e a Baleia” de Gustave Doré, 1883)

“Pinóquio ficou sabendo por uns pescadores que um pequeno barco havia sido engolido por uma baleia naquela manhã. O boneco imediatamente pensou que se tratava de Gepeto e atirou-se ao mar para procurar a tal baleia. O grilo foi atrás de Pinóquio. Ambos nadaram bastante até encontrarem uma enorme criatura. O grilo avisou ao boneco que aquela era uma baleia. Pinóquio se colocou na frente do animal e em poucos segundos foi engolido por ela.”

Além disso, há ainda muitas histórias e contos de pescadores que perderam suas pernas ou tiveram seus barcos quebrados por uma baleia, como o caso da curiosa história de *Moby Dick* (1851, Herman Melville), um cachalote perseguido pelos sete mares, cujo corpo está coberto de arpões contorcidos e cuja perseguição é uma epopéia até hoje reeditada.

Esse medo culturalmente aprendido está diretamente associado a um *perigo* que põe em risco a nossa vida: a presença da baleia, um animal grande, que é capaz de derrubar uma pequena e frágil embarcação, apesar de seu comportamento dócil. Essa narrativa cultural do medo está instituída, como mostrei, há muitos anos e, portanto, de certa forma incorporada à bagagem cultural da sociedade, quase como enraizada, entretanto, na atualidade essa não é a única forma de narrar esses animais.

Mais recentemente, sobretudo após a emergência dos movimentos ecológicos e, portanto, das preocupações ambientais, começou-se a construção de um ideal que vai ao encontro ao iniciado pela era “Free Willy”, de um animal dócil e meigo que merece e deve ser preservado. Essa é a narrativa estabelecida pelos passeios aos quais me refiro, contudo ainda encontram-se fortes resquícios culturais de medo.

Durante o “passeio”, nos aproximamos da última baleia. Era um animal adulto que se aproximou pelo lado esquerdo da embarcação, submergiu dirigindo-se para o lado direito. No meio do percurso, quando estava bem abaixo do barco, o animal bateu no fundo e levantou a popa, desencostando-a da água. Isso fez com que eu, que estava em pé, caísse no chão e a Giovanna, ex- veterinária do IBF, caísse da plataforma e tivesse que projetar seu corpo à frente para não cair na água.

Essa reação do animal foi uma situação de perigo real, ameaçando a integridade física dos turistas e dos pesquisadores a bordo. É quase certo que um turista ao embarcar sabe desses riscos e mesmo assim está disposto a enfrentá-los e é também certo que esse não pareceu ser um comportamento agressivo do animal (como não é

“Capitão Ahab, já ouvi falar de Moby Dick - mas não foi Moby Dick que te arrancou a perna?” diz Starbuck. “(...) Isso, isso! Foi essa maldita baleia branca que me reduziu a uma carcaça; que fez de mim um marinheiro aleijado e sem jeito para todo sempre” (Trecho de Moby Dick, p 182)

Os perigos dos quais se tem medo podem ser de três tipos: os que ameaçam o corpo e as propriedades; os que são de natureza mais geral, ameaçando a durabilidade da ordem social e a confiabilidade; e os que ameaçam o lugar da pessoa no mundo, a hierarquia social, a identidade. (BAUMAN, 2008)

característico da espécie) e sim um “erro de cálculo” ou ainda uma tentativa do animal de reconhecer a embarcação através do seu toque.

Entretanto, ocorrências como esta são tomadas como *riscos* e admite-se que os “passeios” são arriscados, contém a possibilidade de conseqüências inesperadas e indesejáveis. Essas probabilidades são quase improdutivas como meio de previsão, mas pensar nelas implica em nos dar coragem para decidir se o esforço vale à pena.

Sendo assim, os turistas que ali estiveram e que sentiram medo, raciocinaram sobre isso e se decidiram por vivenciar essa *experiência*, tornando-se sujeitos dela, expondo-se, atravessando esse espaço perigoso e indeterminado e pondo-se a prova.

Essa travessia funciona como uma superação dos medos e faz com que o envolvimento e a experiência sejam mais intensos, numa mistura de medo e fascínio. No momento em que avistaram os animais, as meninas ficaram tão hipnotizadas que davam gritos de alegria e pareciam nem se importar com sua mãe passando bastante mal com o enjôo do movimento. Situação que se repetiu com a moça do questionamento a respeito do comportamento agressivo do animal.

Acredito que essa sensação construída do medo, assim como tantas outras seja *superada*, de forma a ser articulada com outras questões e visões, com a exposição ao perigo e com o ato de fazer dele uma experiência. “É incapaz da experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre” (LARROSA, 2002).

Esses mesmos “passeios” que despertam tantos sentimentos e emoções se mostraram, ao longo de toda a pesquisa, com múltiplas identidades. Foram saídas de campo, objetos de pesquisa, mas podem ser

Riscos são perigos calculáveis.
(BAUMAN, 2008)

A palavra experiência contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo.
(LARROSA, 2002)

Os pânicos vêm e vão, e embora possam ser assustadores, é seguro presumir que terão o mesmo destino de todos os outros.
(BAUMAN, 2008)

consideradas vivências turísticas, ou momentos educativos, ou ainda, meramente passeios para aqueles em busca de diversão e aventura. Bem por isso, o despertar que o segue é múltiplo; para alguns surge o medo, para outros a docilidade, para outros a pausa, o momento de lidar com as sensações e emoções, e assim, nem sempre pode-se dizer que há a experiência, no sentido de transformação do sujeito, ou que ela aconteça disparada pelo mesmo evento.

Da mesma forma, os sujeitos que ali se encontram vivenciam essa múltipla identidade e são produzidos culturalmente como turistas, a empresa os vê assim, os trata assim e os convence disso; eles são constituídos assim. Todavia, em muitos momentos, esses mesmos “turistas” tornam-se alunos, aprendendo sobre as baleias, ou tornam-se atores do cenário, questionando as biólogas e produzindo associações com toda a bagagem cultural que trazem. Pela mesma multiplicidade de papéis, eles são tocados (ou não) de diferentes maneiras pelo “passeio”.

A Informação

Era uma manhã fria de meados de agosto, o inverno em seu auge trazia muito frio, vento e dias cinza. Eu estava no Porto para mais um dia de campo - nem só de sol é feita a vida de um biólogo. Como é de praxe, assim que os turistas chegaram à praia, a Maria já começou a prepará-los para o embarque e a Débora começou uma pequena explanação a cerca dos animais que encontrariam, da estrutura do “passeio” e sobre a legislação vigente.

Contava com a ajuda de um banner informativo, que pendurado na lataria do carro, ilustrava as falas da bióloga.



Essa informação passada antes do passeio, pelo que pude perceber, é o auge do trabalho que se denomina de Educação Ambiental nesse turismo, entretanto o IBF tem consciência que ele é mais informativo que educativo.

Mesmo assim, é como se o conhecimento se desse exclusivamente pela forma de *informação* e como se aprender não fosse outra coisa do que simplesmente processar essa informação. Comecei, então, a me questionar: que educação ambiental é essa que se busca nessas práticas? É uma educação direcionada, doutrinadora ou uma educação livre, criativa, aberta a experiência?

A cada dia muitas coisas acontecem, mas poucas coisas efetivamente nos tocam e nos passam. O excesso de informação pode não deixar lugar para a experiência e assim sendo, o encanto poderia diminuir e a produção de sentido ao que somos e ao que nos acontece às vezes até, quem sabe, deixar de existir. A liberdade de criar, sentir e experimentar pode ficar podada pelas linhas, regras e figuras de um discurso muito informativo.

Notei que os turistas estavam mais atentos à movimentação da tripulação e ao preparo para o embarque do que as palavras da Débora. Alguns turistas conversavam muito entre si e, tanto a Débora, quanto a Maria, precisaram chamar a atenção do grupo por algumas vezes.

Foi como se aquele momento informativo (que não estou desconsiderando como importante) estivesse podando a experiência dos turistas de “estar ali”, a possibilidade de viver aquela euforia e ansiedade tão presentes nessas preliminares e o ato educativo se restringisse a apenas uma forma de viver aquele contexto.

Ao longo do passeio, por outro lado, alguns turistas algumas vezes retomaram informações passadas nessas pequenas palestras, como, por exemplo, identificar mães e filhotes, entender o comportamento migratório, entre outros. E às vezes, chegavam até a perguntar mais sobre a espécie nos intervalos de observação dos animais.

A informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência.
(LARROSA, 2002)

Pode-se dizer, então, que esse discurso científico-informativo, acaba por podar a experiência e direcionar um único modo de olhar o animal? De certa forma, esse discurso pode atuar, também, como uma forma de controle daquilo se vê, se pensa e se expressa. O turista acaba por se utilizar daquele discurso, bem como de tudo aquilo que ouviu e viu a cerca dos animais, como norteador do que via e identificava nas aproximações.

Diante disso é recorrente pensar numa voz autorizada, da verdade a partir da posição ocupada pela bióloga. Ela é a portadora de uma verdade instituída por um título de prestígio social. É a pessoa responsável por manifestar um conhecimento que, mesmo que as outras pessoas possuam, cabe a ela transmitir da maneira mais adequada. É a voz autorizada.

Essa marca de credibilidade proferida pela bióloga é apreendida pelos turistas mediante a informação acerca das baleias: seu modo de vida ou manifestação em seu habitat. Por isso, a partir do momento em que o passeio segue para o mar, a visão dos turistas sobre o fenômeno visualizado passa a ganhar uma outra dimensão, justamente em virtude da fala anterior da bióloga.

Essa dimensão informativa, apesar de importante para a compreensão da questão ambiental que cerca esses animais e dos ideais de conservação da espécie, pode não ser gatilho de um processo de experiência e apropriação, estes sim, essenciais para o acolhimento dessas questões e ideais. O disparo se dá pelo encantamento e incômodo que o contato com a espécie proporciona, entretanto, a palestra pode, sim, disparar essas questões em alguém.

Todavia, esse entendimento de educação deixa passar outras possibilidades de experiência. O que aconteceria, por exemplo, se um turista vendasse seus olhos em um determinado momento do “passeio”? Quais sensações seriam disparadas pela utilização dos outros sentidos que não a visão? Será que a audição da

“Em suma, pode-se supor que há, muito regularmente nas sociedades, uma espécie de desnivelamento entre discursos: os discursos que ‘se dizem’ no correr dos dias e das trocas, e que passam com o ato mesmo que os pronunciou; e os discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles.”
(FOUCAULT, 2008)

aproximação do animal traria a mesma emoção que a visão? E se fosse possível que os turistas fizessem desenhos das suas expectativas e ao final, desenhassem suas experiências?

Talvez, a inversão dos momentos ao longo do passeio, problematizasse ainda mais o encontro e faria da informação um evento extra de apropriação do desejo de preservar uma espécie tão sofrida pelas ações humanas, uma vez que a experiência, esta sim, estaria direcionando os olhares no primeiro momento.

Podemos, então, nos questionar acerca da obrigatoriedade imposta pela legislação de uma prática de educação ambiental nos “passeios” turísticos (embora eu considere educativo todo o processo de organização do “passeio”), e o quanto essa prática deve se centrar na informação. Será que se não houvesse nenhum tipo de direcionamento dos guias da atividade, a experiência ainda sim aconteceria e se revelaria um instrumento para a conservação da espécie?

O Espetáculo

Cada passeio que começava era uma nova chance de experiência para os turistas que ali estavam e também para mim. Muitas vezes, apenas a possibilidade de fazer os passeios já me fazia sorrir a semana inteira. A expectativa de ver baleias é sempre muito encantadora e esses mecanismos de antecipação estão diretamente envolvidos com a produção do sentido, interpretação e experiência que se busca com esse turismo, quando voltado à conservação.

Quando uma baleia se aproxima da embarcação, há nos turistas, a antecipação daquela ação aliada ao espetáculo que o animal pode provocar: bater as nadadeiras na água, saltar, brincar, tocar na embarcação.

Os turistas (assim instituídos) estavam ali, estava tudo preparado, a câmera fotográfica estava à mão, vestiam seus coletes e capas protetoras e toda a situação convergia para um sentimento: o frio na barriga. A ansiedade, o medo, a expectativa se combinavam para constituir o elemento principal do show – a produção de sentido a partir daquela experiência.

E quando o primeiro animal se aproxima, o coração dispara, o sorriso se abre, a câmera se posiciona e a memória registra aquele momento para sempre. Para completar o cenário, mãe e filhote se exibem de maneira magnífica- se expõem de tal forma que conseguimos até ver os olhos dos animais. Vemos nadadeiras caudais, peitorais, saltos e em determinados momentos, vemos aproximações simultâneas de mais de uma mãe com seu filhote. Ninguém nunca viu nada parecido.

Turistas exclamam: “Uau!”, pedem por saltos: “Vamos, baleia! Pula!”. A tripulação, absolutamente extasiada, diz: “Que lindo!”, biólogas comentam uma com a outra: “Você viu aquilo?!”.

Entretanto, algumas vezes, sujeitos as intempéries do dia, a fome do final da temporada, ao cansaço de se

O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens.
(DEBORD, 1997)

criar um filhote estando tão longe de casa e há tanto tempo sem se alimentar, os animais tornam-se um pouco mais arredios e ariscos, fazendo com que o mesmo passeio que antes produziu tamanho encantamento, não satisfaça essa antecipação coletiva. Para os turistas, não basta ver os animais, eles têm que dar espetáculo. O turismo que se constrói é então configurado e instituído pelo espetáculo.

O mesmo cenário está criado, turistas afoitos pelo esperado encontro seguram suas máquinas fotográficas vestindo capas amarelas e coletes alaranjados. A embarcação vence as ondas, provocando respingos que nos molham a face e os cabelos. O gosto do sal e o cheiro da maresia impregnam nossos sentidos, tudo está voltado para a mesma situação.

Surgem os animais, que, dessa vez, parecem não sentir vontade em se aproximar ou em nos espiar. Os animais passam reto pela embarcação, alguns nem ao menos se aproximam. Indivíduos adultos sozinhos, mães com filhotes, ninguém parece nos dar muita atenção.

Contudo, para mim, mesmo a aparente “falta de atenção” desses animais, já era um grande evento. Tão bonitos e tão grandes... Eu já havia construído um significado, nada daquilo era novidade para o meu olhar de pesquisadora.

Para alguns turistas, apesar desse fascínio que a presença do animal causa, paira certo ar de decepção, de ausência, de lacunas a serem preenchidas - faltou o espetáculo: “As baleias se escondem, os golfinhos são mais legais, ficam dando saltos e se exibindo”.

Acredito que grande parte dessa decepção se dê pelo fato de vivermos no que se pode chamar de sociedade do espetáculo, que privilegia a aparência ao ser vivo e que busca sempre uma forma de julgamento. A realidade se constrói a partir de espetáculos que vamos reproduzindo socialmente e, assim, vamos dando realidade aos espetáculos que vivemos todos os dias.

O conceito de espetáculo unifica e explica uma grande diversidade de fenômenos aparentes. Suas diversidades e contrastes são as aparências dessa aparência organizada socialmente, que deve ser reconhecida em sua verdade geral. Considerado de acordo com seus próprios termos, o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda vida humana - isto é, social – como simples aparência. Mas a crítica que atinge a verdade do espetáculo o descobre como negação visível da vida; como negação da vida que se tornou visível.
(DEBORD, 1997)

Não basta mais ter saúde. Precisamos ser lindos, estar em perfeita forma, reproduzir um padrão de beleza “espetacular” divulgado e midiaticizado por uma sociedade de aparências. Para essa mesma sociedade, pouco importa a história de vida, os valores, o comportamento e o que pensa cada um desses seres humanos, contanto que se adéqüem aos padrões.

Lentamente vivenciamos uma degradação do ser, para uma valorização do ter; e vivemos na lenta degradação do ter para o parecer. Pouco importa se realmente somos o importante é que estejamos sempre acompanhando as reproduções sociais, ou ao menos, que assim pareça.

Nesse contexto, é essencial que o animal se exhiba, apareça e se mostre. É essencial que o turista tenha fotografias dos saltos, das aproximações e que chegue em casa, chame os amigos para jantar, faça uma sessão de fotos e diga: “Olha o que eu vi!”.

Para esses turistas, que reproduzem esse contexto social do espetáculo, a conservação da espécie e a vida desses animais pode não passar de uma ferramenta de ascensão social na vida dele, turista. E, nesses casos, o turismo deixa de ser uma forma de valorização do animal para desvalorizá-lo. Quando isso acontece, pode não haver valorização, produção de significados, ou ainda a experiência.

Esse padrão de comportamento pode também acontecer entre os turistas que viveram aquele espetáculo, mas mesmo assim, não viveram a experiência. O espetáculo não produz necessariamente experiência, uma vez que é necessário que nos tornemos *sujeitos dessa experiência*, estando abertos para o novo e para a desconstrução dessa reprodução de valores e idéias.

Uma vez sujeitos dessa experiência, o que se espera enquanto prática de educação ambiental é que as marcas produzidas sejam a favor da conservação da espécie e do ambiente em que ela vive. Espera-se com isso, produzir

O sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos.

(LARROSA, 2002)

discursos de valorização do ambiente natural e seus habitantes, e que estes sejam disseminadores de uma idéia e de um ideal.

O Encantamento

“Baleia às 11h”, gritou o capitão Thiago. Nesse instante, todos a bordo se viraram para a direção apontada e uma emoção muito forte, praticamente avassaladora, tomou conta de todos. Tratava-se de uma mãe com seu filhote e ambos se deslocavam em direção a estibordo, fazendo com que todos os turistas desobedecessem às ordens e se aglomerassem no lado direito da embarcação.

Mãe e filhote pareciam não se importar com a nossa presença, e por alguns instantes, tive a impressão de que ambos se entretinham com a nossa ingenuidade – éramos a platéia de artistas extremamente humildes, para quem nada daquilo era diferente do seu cotidiano. Os animais passavam por nós e exibiam suas nadadeiras caudais e peitorais, uma de cada vez. Era um balé, uma dança perfeitamente sincronizada, sem a menor necessidade de ensaios prévios.

Cada um sabia exatamente o momento de atuar, mesmo sem a música. Na realidade, naqueles instantes não se ouviam sons que não fossem as ondas batendo no casco, os eventuais flashes das máquinas fotográficas e o soprar dos borrifos. Era como se o tempo tivesse parado. Nós ali dentro do barco praticamente não nos movíamos e estar ali era um momento absurdamente individual. Conversas eram desnecessárias, e mesmo familiares não se tocavam, não se falavam, mal se olhavam – tirar os olhos do espetáculo significava perder preciosos segundos de arte e ninguém, jamais ousava fazê-lo!

O filhote parecia imitar os movimentos suaves da mãe, brincava e parecia que aprendia a ser baleia. Em um dado momento, com a fêmea virada de lado, o filhote deitou-se por cima dela, e foi carregado por alguns metros, “pego no colo” pela mãe.

Todos estavam absolutamente hipnotizados pela ternura dos gestos de animais tão grandes e completamente encantados com a experiência. Naquela hora nos aconteciam muitas coisas, pelo menos a mim. Não era a toa que estava ali, me sentia completa feliz... Para mim era um momento único.

Os passos no caminho sempre revolvem a terra, deixam marcas e geram dúvidas. Meu caminhar, como de tantos outros, sempre foi (e ainda é) cheio de muitas incertezas...

Escolhi a biologia pelo meu intenso sentir da vida. Nasci e cresci em São Paulo e talvez essa imensidão cinza tenha sido a principal responsável pelo meu imenso amor às cores. Desde cedo, ciências era a disciplina que mais me fascinava.

O tempo passou e me descobri mulher do mar. Mais do que qualquer outra coisa, era a maresia que me tocava a alma. Foi assim, então, que encontrei na biologia um caminho que me enchia de sonhos e expectativas.

Chegar até ele, entretanto, exigiu muito mais coragem do que imaginei. Em certa encruzilhada, precisei abrir mão da estrada segura, asfaltada e bem sinalizada, em prol do chão batido e dos buracos no caminho. Tinha um sentir que me guiava e eu tinha certeza, sem nem saber como: chegaria o dia em que trabalharia com baleias-franca em Santa Catarina. E isso me assustava. Não era um desejo, era uma certeza!

E a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) veio, entremeada a muitos medos e aflições, com um telegrama inesperado, desses que diz: "Aprovado". E veio também com um telefonema e uma proposta: trabalho de férias em uma ONG com Educação Ambiental numa escola infantil. Foi quando ela (a Educação Ambiental) entrou na minha vida e me mostrou novas maneiras de ajudar a construir o mundo em que acredito. Aprendi que posso tentar semear ideais e sentimentos que me movem e são imensos (ou pelo menos, assim eu acreditava).

O Programa de Educação Tutorial (PET)⁴ me proporcionou um crescimento e aprendizado gigantesco em diversos aspectos, me trouxe oportunidades únicas de estudo e trabalho com educação ambiental em um projeto na comunidade da Serrinha⁵. Mais tarde, surgiu a chance de dar aulas em um cursinho pré-vestibular comunitário⁶... E eu voltei a ser criança.

Lá pelos meus cinco anos ganhei uma pequena lousa do meu pai. E minhas brincadeiras preferidas sempre foram de escola. Adorava inventar provas, corrigir cadernos (velhas revistas em quadrinhos) dos meus alunos imaginários. Eu repetia até as broncas que minhas professoras davam na vida real para os meus “alunos”. E eles eram muitos! Assim, fui semeando em mim uma paixão pelo compartilhar que me move todos os dias.

O turismo surgiu como um reflexo embaçado dessa paixão. Morar na Ilha⁷ me trouxe a oportunidade de conviver e trabalhar com o mundo (e os bichos!) que sempre sonhei. Os golfinhos que sempre foram bichos de pelúcia na minha cama, viraram objetos reais de estudo, e aos poucos, na minha vida, foi nascendo o turismo de observação de cetáceos (ou pelo menos, o interesse em pesquisá-lo).

⁴ O programa, do Ministério da Educação é desenvolvido por grupos de estudantes, com tutoria de um docente, organizados a partir de cursos de graduação das Instituições de Ensino Superior do país, sendo um grupo por curso, orientado pelo princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e da educação tutorial. (SESu/MEC, disponível em <http://portal.mec.gov.br/sesu/index.php?option=content&task=view&id=657&Itemid=303>, acesso em 28 de outubro de 2008).

⁵ Projeto “Fazer e Aprender Educação Ambiental”, realizado pelo grupo PET em parceria com alunos da Engenharia Sanitária e Ambiental com alunos da 4ª série do Ensino Fundamental em uma escola na comunidade da Serrinha, no entorno da Universidade.

⁶ O Projeto do Pré-vestibular Comunitário é aberto à comunidade, atende pessoas de baixa renda e é realizado com o auxílio financeiro da Eletrosul. Utiliza-se do espaço físico de escolas estaduais na cidade de Florianópolis, SC nos bairros Rio Tavares, Centro, Estreito, Capoeiras e em São José, SC no bairro Ipiranga.

⁷ Ilha de Santa Catarina, Florianópolis – SC.

De fato, a experiência de subir a bordo para observá-los como mera visitante já era velha conhecida minha. Foi essa emoção que me seguiu durante todas as horas da minha viagem à Fernando de Noronha e foi essa mesma emoção que me instigou todos os dias a enfrentar o mundo que me era até então conhecido, os sonhos e expectativas alheias, e buscar o que era meu por direito: o meu sentir e meu fazer da vida: Minha.

E foi num dia de verão, com o barulho do mar e a brisa no rosto a me lembrar de mim que decidi que queria descobrir, com os olhos de pesquisadora, o quanto essas práticas valem à pena, não para mim, mas para as outras tantas pessoas que vivenciam essas experiências.

Entretanto, naquele instante, eu estava ali – com baleias-franca, no litoral de SC. “É precisamente nas coisas mais importante que estamos indizivelmente sós”, disse um poeta austríaco que gosto muito, e era somente disso que me lembrava naquele instante! Estava realizando o meu sonho de criança e o meu sonho de bióloga.

Antes de tudo, aquele era um encantamento muito meu! Era a primeira vez que via baleias, assim como todos aqueles turistas e eu mal conseguia descrever o misto de emoções que sentia. Para mim, sei que aqueles momentos de encontro me forçaram a parar para olhar, com muito mais calma para tudo aquilo que me acontecia. Passei, então a observar que o encantamento quase hipnótico que sentia ao encontrar uma baleia acontecia, também, com a grande maioria dos turistas. Vivíamos uma pausa em meio às confusões do mundo, naquele instante só devíamos experimentar o turbilhão de sentimentos que surgia.

De repente, a baleia mãe projetou seu corpo para fora com tamanha altura, que conseguimos observar inclusive seu olho. Esse era um momento extremamente raro. Ver o olho de uma baleia viva, submersa, só é possível quando ela salta, ou quando se expõe como fizera. Foi lindo, todos suspiravam e davam pequenos gritos de euforia.



É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, à sua própria transformação.
(LARROSA, 2002)

A educação ambiental tem seu surgimento na esteira desse movimento político e social das décadas de 50 e 60 do século passado, tendo, portanto, assumido também sua parcela de responsabilidade pela edificação de um mundo social e ecologicamente justo.
(BARCELOS, 2008)

Como negar que em um momento de tamanho encantamento acontece a *experiência*? No sentido proposto por Larrosa, é pela experiência que se passa a educação. Se pensarmos a *educação ambiental* como a construção de valores, produção de significados e a contextualização do mundo externo com o mundo interno, a experiência de ter visto e se encantado com a existência desses animais, por si só é educativa.

O encantamento, quase hipnótico, que esses animais provocam, não geraria como um efeito dominó, uma mudança de olhar para eles, para as questões da APA, e, de uma maneira mais ampla, para as questões ambientais? Pelo menos é isso que espero e que vejo acontecer comigo.

O pertencimento passa pela experiência e acredito que encontrar esses animais e sentir-se encantado torna o momento mais especial. Será que todas as vezes em que um desses turistas vir na televisão o anúncio

“baleias-franca no litoral de SC”, não aumentaram o volume e prestaram mais atenção? Será que quando numa conversa sobre as Unidades de Conservação (UC) no país, não terão uma opinião diversificada acerca da importância de uma UC? Será que quando vir no jornal a abertura da temporada de caça às baleias pelo Japão, não sentirá um frio na barriga e certo enjôo de raiva de um ato tão cruel e brutal contra um animal tão dócil e carismático?

O que seria enxergar o significado de uma espécie e querer protegê-la senão sentir esse desconforto? E o que mais geraria esse desconforto senão esse encantamento? Esse, sim, acredito ser o imenso potencial educativo dos passeios de observação de cetáceos – a imensa experiência que proporcionam e a produção de sentido que se segue.

Parte IV

O Topo do mastro...

“O mundo é um navio numa travessia sem regresso” (Herman mel vil l e)

Nas antigas embarcações de caça, os marinheiros de vigília cumpriam seu posto no topo do mastro. Era dali que se tinha a melhor visão do todo e de onde se enxergava melhor as baleias e o próprio navio. Nem sempre era a posição mais confortável, ficavam sujeitos ao frio e a chuva. Mas estar no topo do mastro tinha as suas vantagens – quem estava lá tinha o privilégio de ver primeiro e de guiar os olhares até os preciosos destinos daquelas buscas. Muitos anos depois, sento-me aqui, no topo do mastro, sujeita as mesmas intempéries do mundo, na espera dessa visão privilegiada...

E vejo, ao final de mais de um ano de árduo trabalho, que todos os esforços valeram à pena. Sei que o que termino de dar forma nestas breves palavras, para alguns se resume ao necessário para conferir um título. Mas para mim, todas essas páginas construídas até aqui vieram de um sonho. Tornaram-se realidade a partir dos ideais de uma menininha, que desde muito pequena sabia que talvez, pertencesse mesmo aos golfinhos e baleias que lhe tocavam o coração.

Essa mesma menininha que chorava (e ainda chora) ao ver nos noticiários sangrentas cenas de caça às baleias e que se orgulha hoje de poder dizer aos seus alunos: “Preservar as baleias-franca é nosso dever, ainda mais quando nosso governador diz, sem a menor vergonha que não sabe da existências delas em nosso litoral”. Nosso litoral, sim, porque ela adotou esse estado com todas as forças do seu coração e hoje sabe ser uma paulista de nascença-catarinense de coração.

Não foi fácil. As tempestades foram muitas pelo caminho! E eu sei que cada centímetro dessa jornada foi suada (senão por mim, pelos que me amam o suficiente pra me deixar navegar só). Tenho daqui de cima a visão de animais tão brutalmente assassinados, apesar de seu temperamento dócil e meigo, em favor da mesquinhez humana, que parece aumentar a cada dia.

Sei que para muitos, o turismo de observação não passa de uma reprodução dessa mesquinhez. Utilizamos o animal vivo para um mesmo fim, substitui-se a caça pelo turismo desenfreado. Obviamente, não se trata de uma atividade política e economicamente neutra, entretanto, para mim, que por alguns instantes posso sentar aqui em cima, o turismo controlado pode aparecer como um instrumento de agregação de valor à espécie, apesar de todos os seus interesses.

Sei, também, que tudo que trago aqui são sentimentos que antes de qualquer coisa, são meus. Essa foi a minha viagem, mas que acredito dividir com todos aqueles que estiveram presentes na embarcação comigo, sejam turistas, pesquisadores, ou tripulação. Hoje, me sinto completamente responsável socialmente pelo que acontece com esses animais, e pelo que gostaria que viesse a acontecer.

Não sou ingênua de acreditar cegamente que mudaremos o mundo, mas ao realizar esse trabalho, o meu mundo mudou e isso já o torna por si só, muito especial.



“(…) Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento”
(Vinícius de Moraes)

Referências

ALVES, M.D., CASCON, H.M., BARROS, H.R., MEIRELLES, A.C., SILVA, C.N. **Presença de *Cyamus boopis* (Crustacea, Amphipoda) em neonato de baleia jubarte (*Megaptera novaeangliae*) no litoral do Ceará.** Resumo apresentado no XXIV Congresso Brasileiro de Zoologia, Itajaí, SC; 2002.

ANITELLI, F. Criado Mudo. In **O Teatro Mágico: segundo ato.** Trama Virtual, São Paulo; 2008.

BARCELOS, V. **Educação Ambiental: sobre princípios, metodologias e atitudes.** Vozes, Rio de Janeiro; 2008.

BAUMAN, Z. **Medo Líquido.** Jorge Zahar Ed, Rio de Janeiro; 2008.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Instituto **Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.** s/l. 2009. Disponível em www.ibama.gov.br. Acessado em 9 de agosto de 2009.

CÂMARA, I.G. & PALAZZO, J.T. **Novas informações sobre a presença de *Eubalaena australis* no sul do Brasil.** Actas... Primera Reunion de Trabajo de Expertos en Mamíferos Acuáticos de América del Sur. Buenos Aires, pp. 35-41; 1986.

CARLSON, C. **A review of whale watch guidelines and regulations around the world version 2007.** Guidelines for Commercial Cetacean- Watching Activities in the ACCOBAMS Area. College of the Atlantic Bar Harbour, Maine, USA. 2007.

DANIELSKI, M. **Comportamentos de mães e filhotes de baleias-franca-austrais, *Eubalaena australis* (Desmoulins, 1822), em Santa Catarina, Brasil.** Dissertação (Mestrado em Ecologia), Universidade Federal de Juíz de Fora, Juíz de Fora, MG; 2008.

DEBORD, G. **Sociedade do espetáculo.** Contraponto, Rio de Janeiro; 1997.

EVANS, P. G. H. **The natural history of whales and dolphins.** New York: Facts On File, Inc. xiv + 343 pp. 1987.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso.** Edições Loyola, São Paulo; 2008.

GARROD, B. & FENNEL, D. A. **An analysis of whale-watching codes of conduct.** Annals of Tourism Research 31:334-352; 2004.

GROCH, K. R., PALAZZO JR., J. T.; FLORES, P.A.C.; ADLER, F. R.; FABIAN, M. E. "**Recent rapid increases in the Brazilian right whale population.**" Latin American Journal of Aquatic Mammals 4(1): 41-47; 2005

GROCH, K.R. **Baleias Francas: um histórico de conservação no Brasil.** In XII Congresso Latino-americano de Ciências do Mar - XII COLACMAR, Florianópolis – SC; 2007

GROCH, K.R. **Ocupação preferencial de áreas de concentração pela baleia franca austral, *Eubalaena australis* (Desmoulins, 1822), CETACEA, MYSTICETI, no litoral sul do Brasil.** Dissertação (Mestrado em Biologia Animal), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS; 2000.

HOYT, E. & IÑIGUEZ, M. **Estado Del Avistamento de Cetáceos en América Latina.** WDCS, Chippenham, UK; IFAW, East Falmouth, EE.UU.; e Global Ocean, Londres, 60p. 2008.

HOYT, E. **Whale watching 2000: worldwide tourism numbers, expenditures, and expanding socioeconomic benefits.** International Fund for Animal Welfare, Crowborough, United Kingdom. 2000.

IWC, International Whale Comition. Disponível em www.iwcoffice.org – acesso em 31 de outubro de 2008.

LARROSA, J. **Dar a palavra. Notas para uma dialógica da transmissão.** In LARROSA, J; SKLIAR, C. Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença. Autentica, Belo Horizonte; 2001.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, 19: 20-28, 2002.

LUNDQUIST, D. J. **Behavior and movement of southern right whales: Effects of boats and swimmers.** Dissertação de mestrado, A&M University, Texas, USA. 2007.

LUSSEAU, D. **The hidden cost of tourism: detecting long-term effects of tourism using behavioral information.** Ecology and Society. 9: 3-15. 2004.

PALAZZO JR., J.T. & FLORES, P.A.C. **Plano de Ação para a Conservação da baleia franca, *Eubalaena australis*, em Santa Catarina, Brasil.** Projeto Baleia Franca – IWC/Brasil – 1999.

PALAZZO, J. T.; FLORES, P. A. C., GROCH, K. R. & OTT, P. H. **First resighting of a southern right whales (*Eubalaena australis*) in Brazilian waters and an indicative of a three-year return and calving interval.** 13th Biennial Conference on the Biology of Marine Mammals, Maui, Hawaii. 1999

PAYNE, R., BRAZIER, O., DORSEY, E.M., PERKINS, J.S., ROWNTREE, V.J. E TITUS, A. **External features in southern right whales (*Eubalaena australis*) and their use in identifying individuals:** 371-445 *In* Communication and behavior of whales. R. Payne (ed.): Westview Press, Boulder, CO. 1983.

PAYNE, R. **Long term behavioral studies of the southern right whale (*Eubalaena australis*).** Report of the International Whaling Commission Special Issue 10, 161-167. 1986.

PEREIRA, M.G., BAZZALO, M. & FLORES, P.A.C. **Reações comportamentais na superfície de *Sotalia guianensis* (Cetacea, Delphinidae) durante encontros com embarcações na Baía Norte de Santa Catarina.** Revista Brasileira de Zootecias 9 (2): 123-135. 2007.

POUGH, F. H.; HEISER, J. B.; JANIS, C. **A vida dos vertebrados.** 4. ed. Atheneu, São Paulo, 684p. 2008

SANTOS, L. H. S. **Sobre o etnógrafo-turista e seus modos de ver.** In: Costa, M. V. & Bujes, M.I.E. (organizadoras). Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. DP&A, Rio de Janeiro; 2005.

SIMÕES-LOPES, P. C.; PALAZZO, J. T; BOTH, M. C. & XIMENES, A. **Identificação, movimentos e aspectos biológicos da Baleia-franca austral (*Eubalaena australis*) na costa sul do Brasil.** In Reunión de Trabajo de Expertos em Mamíferos Acuáticos de América del Sur. 3. Anales: Montevideo. 62pp; 1992.

WILLIAMS, R.; TRITES, A, W. & BAIN, D. **Behavioural responses of killer whales (*Orcinus orca*) to whale-watching boats: opportunistic observations and experimental approaches.** Journal of Zoology. 256: 255–270. 2002.

WILSON, B & WILSON, A. **The complete whale watching handbook – a guide to whales, dolphins and porpoises of the world.** Voyager Press, St. Paul, 288p; 2006.